

Jornalismo e crítica literária em Sérgio Augusto

Mauro Souza Ventura
Felipe de Oliveira Mateus

A grande imprensa brasileira experimentou intenso desenvolvimento entre o final do século XIX e início do século XX, período em que o jornalismo ainda não era uma atividade de características próprias e definidas. Por ser uma época em que o campo intelectual brasileiro estava em formação, os jornais eram o espaço de difusão de toda a produção literária e intelectual dos grandes centros, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, o profissional da imprensa daquele período acumulava, entre outras funções, as de intelectual, romancista, cronista e jornalista.

Muito presente naquela antiga imprensa, a literatura era difundida nos jornais por meio dos folhetins, espaços destinados à publicação de romances e contos. O grande sucesso de público dos folhetins foi um dos principais fatores que impulsionaram o mercado consumidor de literatura no Brasil e, por isso, além de serem instâncias de divulgação literária, tornaram-se também espaços destinados ao comentário. Era o início da crítica literária no país.

Dessa forma, a crítica literária consolidou-se como um formato consagrado do jornalismo opinativo. O que a caracterizava nesse período era o estilo impressionista, marcado pelo uso de critérios pessoais e subjetivos de análise e pela não-especialização de seus críticos diletantes. Era, então, uma crítica praticada sem critérios pré-definidos, pautada pelas impressões pessoais dos críticos e, por isso, chamada de impressionista, como sustenta Sússekind (2003). Destacaram-se como grandes críticos impressionistas na imprensa brasileira Álvaro Lins, Alceu Amoroso Lima, Sérgio Milliet, entre outros.

Esse padrão de jornalismo e de crítica, na qual o jornalista também atuava na imprensa como intelectual e literato, perdurou até meados das décadas de 1940 e

1950 no país. Naquela época, a imprensa passou a acompanhar o desenvolvimento urbano e econômico da sociedade brasileira, o que tinha reflexos diretos no campo cultural, por meio do desenvolvimento da indústria de bens simbólicos – indústria cultural –, e no jornalismo, que começou a incorporar os padrões de objetividade em seus conteúdos. Conforme sustenta Sodré (1999: 297):

As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas.

Assim, os antigos conteúdos, de perfil intelectualizado e com grande carga literária, perdem espaço nos jornais para as notícias, desenvolvidas sob normas que visam à objetividade. Por causa disso, foram criados nos jornais espaços destinados especialmente à literatura e à antiga prática intelectual. Eram estes os suplementos literários. Como afirma Santiago (1993), é necessário ressaltar o caráter suplementar dessas publicações: eram uma publicação a mais, acrescida a um todo completo que era o jornal. Tal fato evidencia a ruptura entre literatura e jornalismo que ocorria na época. Dentre os suplementos publicados no período, dois dos mais expressivos foram o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, que circulou entre 1956 e 1961 e o Suplemento Literário do jornal O Estado de S. Paulo, publicado de 1956 a 1974, do qual o Sabático tem suas referências.

Além das mudanças que ocorriam no campo jornalístico, a própria crítica literária passava por transformações determinantes. Naquele período, surgiam as primeiras escolas de letras no Brasil, que pretendiam formar as primeiras gerações dos novos críticos, agora com a chancela da especialização em literatura. Essas mudanças também foram impulsionadas por Afrânio Coutinho, crítico, ensaísta e professor que fez uma dura campanha contra a crítica impressionista e em defesa da especialização dos críticos em sua coluna Correntes Cruzadas, do jornal Diário de Notícias.

A campanha de Coutinho deu início a um processo de migração progressiva da crítica literária do espaço dos jornais para a cátedra acadêmica. De acordo com Sússekind (2003), essa crítica perdeu espaço nos jornais devido ao seu estilo científico-acadêmico, que se distanciava cada vez mais do estilo jornalístico.

Se nos anos 1940-1950 eram os críticos-professores que olhavam com desconfiança os rodapés, agora são os jornalistas que atribuem à produção acadêmica características de um oponente. (...) A que se acrescentam críticas frequentes à linguagem (segundo alguns: “jargão incompreensível”) e à lógica

(argumentativa, quando a regra na mídia seria adjetivação abundante e afirmações que não expõem os próprios pressupostos) do texto originário da universidade. Além de, numa sociedade submetida a rápido processo de espetacularização, parecer faltar muitas vezes ao ensaísmo “acadêmico” o charme do texto-que-brilha, do texto-que-parece-crônica (Süssekind, 2003: 31).

Ao mesmo tempo, o jornalismo cultural passou a se ocupar em noticiar os produtos e manifestações da indústria cultural. Isso se deve ao fato de que, sendo um componente do campo jornalístico, que passou a ser estruturado em torno de valores-notícia, que determinam o que é noticiável ou não, tais como a novidade, a atualidade, a proximidade com o público, a relevância, a amplitude, entre outros (Traquina, 2005), o jornalismo cultural também começou a se pautar por estes valores. Isso foi responsável por tornar o jornalismo cultural dependente da atualidade, da proximidade com o público – consumidor de bens da indústria cultural – e da difusão que tais conteúdos podem ter.

Para esse tipo de conteúdo e para o público consumidor desses produtos, foram criados os “segundos cadernos” de hoje em dia, nos quais a literatura foi inserida na dinâmica do campo e encarada de acordo com os valores-notícia. Assim, escritores são compreendidos como celebridades e obras como produtos a serem anunciados com o objetivo de serem vendidas, enquanto as antigas colunas de críticas tornaram-se resenhas, cujo objetivo é atrair o público consumidor da literatura.

A coluna de Sérgio Augusto em Prosa de Sábado

Mesmo após toda a evolução da crítica literária e do jornalismo cultural, que teve como consequência o distanciamento desses dois campos, surge em 2010 o objeto deste estudo, um caso peculiar se forem consideradas as atuais dinâmicas dos campos da crítica e da imprensa: o jornal O Estado de S. Paulo inicia a produção de um suplemento literário, o Sabático, no qual está presente uma coluna de crítica literária – Prosa de Sábado –, o que representaria o retorno desse gênero consagrado do jornalismo cultural às páginas dos jornais.

No período em que foi realizada esta pesquisa, o Suplemento Sabático circulava semanalmente aos sábados. Porém, devido a uma reformulação editorial ocorrida no jornal O Estado de S. Paulo, a publicação do suplemento foi encerrada. A última edição do Sabático circulou em 20 de abril de 2013. As colunas de Sérgio Augusto continuaram a ser publicadas, quinzenalmente, no Caderno 2, tendo como principal objeto a literatura.

O que propomos aqui é que tanto o Sabático, quanto Prosa de Sábado, subvertem a dinâmica vigente do jornalismo cultural e da crítica literária. Isso porque o suplemento surgiu em um contexto diferente do que eram produzidos os suplementos literários anteriormente mencionados, como o Suplemento Literário e o

Suplemento Dominical. Naquele período, o campo cultural brasileiro passava por profundas modificações marcadas principalmente pelo desenvolvimento da indústria de bens simbólicos, uma consequência da industrialização e urbanização vividas pelo país e que teve implicações na imprensa como um todo. Por causa disso, o jornalismo cultural passou a se ocupar mais desses produtos culturais, com o objetivo de que fossem anunciados e consumidos, e a crítica migrou para a academia por não se enquadrar mais nos novos padrões jornalísticos e, por dialogar cada vez mais com seus pares e adquirir um tom mais científico, perdeu a capacidade de dialogar com um público mais amplo, externo ao próprio campo (Süssekind, 2003). Dessa forma, os suplementos foram perdendo espaço na imprensa e hoje configuram-se como “artigos de luxo” nos jornais (Travancas, 2001).

A coluna Prosa de Sábado mostra-se ainda curiosa por trazer como críticos Silviano Santiago, acadêmico da área de letras, e Sérgio Augusto, jornalista e objeto de estudo desde artigo. Ambos são críticos pertencentes a campos distintos – a academia e o jornalismo – e que compartilham valores também distintos de análise e legitimação cultural. Há que se considerar, tomando por base as reflexões de Bourdieu (1992; 2008), que ambos ocupam posições centrais e legitimadas em seus campos: Silviano Santiago como crítico de longa carreira e vasta produção acadêmica na área da teoria literária e Sérgio Augusto como repórter e crítico há muitos anos presente na imprensa. Porém, ao compartilharem do espaço de Prosa de Sábado, os dois críticos adentram um o campo do outro. Neste caso, Sérgio Augusto adentra o campo da crítica literária, tendo como referencial o fato de que esta migrou para o campo acadêmico e é produzida pelos agentes deste campo, e Silviano Santiago adentra o campo do jornalismo, publicando sua crítica em um jornal de grande circulação e, assim, dialogando com um público muito mais amplo que os próprios agentes do campo acadêmico.

Assim, a coluna Prosa de Sábado configura-se não apenas como um retorno da crítica à imprensa, mas também o retorno aos jornais de uma crítica praticada por um jornalista, tipo de crítico que foi progressivamente perdendo sua legitimidade frente ao crítico acadêmico no campo da crítica. O objetivo deste estudo, então, é o de identificar nas críticas de Sérgio Augusto características que revelem a forma como essa análise literária é feita e de que maneira esses aspectos revelam particularidades do jornalismo em sua produção crítica.

A análise dessas características vale-se das ideias desenvolvidas por Pierre Bourdieu acerca dos campos de consagração artística. Segundo Bourdieu (1992; 2008), esses campos criam suas próprias regras de produção, legitimação e julgamento das obras de arte. Assim, quanto mais um crítico estiver inserido e legitimado neste campo, mais ele tende a se utilizar dos valores deste campo em sua análise, de forma a reafirmá-los. De acordo com o que propomos aqui, as críticas de Sérgio Augusto no Sabático conteriam valores jornalísticos de criticabilidade, próprios do campo

em que ele está inserido, assim como Silviano Santiago seria um reprodutor dos valores críticos utilizados no campo acadêmico.

De acordo com Traquina (2005 apud Ventura, 2011), os valores-notícia são características definidoras da cultura jornalística, já que definem quais os fatos do dia a dia merecem ser transformados em notícia. Assim, valores-notícia, também conhecidos como critérios de noticiabilidade – tais como a novidade, a atualidade, a proximidade com o público, a relevância, a amplitude, a difusão, entre outros –, podem ser encarados como valores de legitimação do campo jornalístico. Dessa forma, se tomamos como hipótese que a crítica de Sérgio Augusto reproduz valores de legitimação próprios do campo jornalístico, são aspectos semelhantes ou que se aproximam dos valores-notícia colocados por Traquina os que seriam encontrados nos textos de Sérgio Augusto. Pretende-se também verificar como o crítico coloca-se em relação não só ao seu campo de consagração, mas ao campo artístico em si.

Bauman (2010) propõe que os críticos podem atuar de duas formas distintas, conforme sua filiação a um pensamento moderno ou pós-moderno: os críticos legisladores seriam aqueles ligados aos ideais da modernidade, de verdades e modelos absolutos e universais. Sua autoridade de crítico é imposta por meio do uso de conhecimentos que não são acessíveis ao público e sua atitude é a de julgar as obras entre boas e ruins, de valor ou sem valor. Já os críticos intérpretes são os que levam em conta o pluralismo cultural típico da pós-modernidade, não tendo como referenciais modelos únicos e não se ocupando em determinar o que é certo ou errado, válido ou não, mas sim em traduzir as obras e os valores fundamentados em um pensamento à outra forma de pensamento. É uma reflexão que se faz necessária, pois como afirma Sarlo (2004), a autoridade do crítico em formar gostos e opiniões perde-se em um contexto onde as relações dentro do campo artístico são mercadológicas.

Dessa forma, a pesquisa optou por selecionar um *corpus* com o total de 50 colunas, sendo 25 de autoria de Sérgio Augusto e 25 de Silviano Santiago, publicadas no período de um ano – entre agosto de 2010 a julho de 2011. A quantidade permite a identificação de tendências constantes que reflitam os traços e posicionamentos do crítico perante o campo jornalístico de legitimação. Com a reunião dessas colunas, partiu-se para a leitura e contabilização de aspectos que se mostravam relevantes para a posterior análise a que se propunha a pesquisa, tais como as obras que foram analisadas, os assuntos abordados, os autores, artistas e obras aos quais os críticos faziam referência e os posicionamentos tomados perante as obras. A partir disso, foi possível refletir de forma interpretativa sobre esses aspectos e, com base no estudo realizado das obras que abordam a história e evolução da crítica na imprensa, compor uma análise dessas críticas e da relação dos críticos com seus campos. Neste artigo, serão apresentados os resultados obtidos em relação às críticas de Sérgio Augusto.

Caracterização da crítica de Sérgio Augusto

A análise que se segue tem como base um levantamento quantitativo dos temas e aspectos mais relevantes encontrados na coluna de Sérgio Augusto no suplemento Sabático, que permitem identificar tendências e constantes, o que nos possibilitou a realização de uma análise interpretativa dessas críticas. No que diz respeito aos gêneros das obras que foram objeto de crítica de Sérgio Augusto, percebe-se uma preferência do crítico por obras de ficção. Das 25 colunas analisadas, 12 têm como objeto romances, contos e crônicas e sete são dedicadas à não ficção em geral (livro-reportagem, compilação de entrevistas, livros históricos e científicos, entre outros). As seis colunas restantes do *corpus* selecionado podem ser consideradas híbridas. Isso porque são textos que não se dedicam a apenas uma obra: o crítico escolhe um tema a ser explorado e, sobre isso, faz referências a diversos títulos e autores. Por exemplo, em “A arte de ficar à toa” (30/7/2011), o crítico fala do ócio e da preguiça como fatores que influenciam diversos autores e/ou que aparecem em várias obras.

Em relação aos autores referenciados, o crítico menciona grandes nomes do pensamento humanístico-científico, como Sartre, Marx, Engels, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche, Hobsbawm, entre outros. Porém, um aspecto interessante dessas referências feitas pelo crítico são as menções a personagens e obras da cultura pop, principalmente em relação aos cinemas de Hollywood e da Europa. São constantemente citados por Sérgio Augusto Woody Allen, Jean-Luc Godard, Alfred Hitchcock, John Huston, Ishiro Honda, Akira Kurosawa, Rosemberg Cariry, Alain Tanner, Orson Welles, Sergei Eisenstein e John Ford. Ainda relacionados ao universo do cinema, Sérgio Augusto também menciona atores, tais como Billy Bob Thornton, Sylvester Stalone, John Wayne, Eddie Constantine e Grant Williams, além das referências a diversos filmes.

Já do universo da televisão, o crítico menciona as séries de TV *Mad Men*, *A ilha dos birutas* (*Gilligan's Island*) e *Seinfeld*, além dos desenhos animados *Os Simpsons*, *Southpark* e *Os incríveis*. Do meio musical, são citados os Beach Boys, Dion, Del Shannon e Marty Robbins. Também a imprensa é tratada como um referencial e fonte de objetos para as suas críticas. São mencionadas as revistas *The New Republic*, *The New Yorker Review of Books* e os jornais *The Times of India*, *Folha de S. Paulo*, *Asahi Simbum* e *USA Today*, além de menções a importantes jornalistas, como Ambrose Bierce, Tom Wolf, Ivan Lessa e Paulo Francis.

Essas escolhas feitas por Sérgio Augusto podem ser consideradas como típicas de um crítico considerado periférico no campo da crítica literária, mas que ocupa posição central no campo do jornalismo. Isso porque os valores culturais do campo em que o crítico está inserido e legitimado se refletem em suas críticas. Dessa forma, a cultura, as manifestações e agentes culturais legitimados no campo serão usados como formas de referenciar e fundamentar sua crítica de valores jornalísticos.

Assim, a partir dos resultados desse panorama quantitativo, pudemos determinar quatro grupos temáticos nos quais as colunas de Sérgio Augusto se enquadram, de acordo com suas características constantes. São eles: noticiabilidade e gancho factual, experiências de leitura, posicionamentos impressionistas e referências à cultura pop e de massa. Como ficará claro, além de identificar em seus textos os aspectos jornalísticos, foi possível estabelecer uma aproximação entre o estilo de Sérgio Augusto e o dos antigos críticos impressionistas.

Em relação aos traços de noticiabilidade e de gancho factual, percebe-se que estes são aspectos determinantes de uma crítica que se aproxima do jornalístico. Os textos de Sérgio Augusto, apesar de terem toda a carga analítica própria da crítica literária, possuem também um conteúdo noticioso. Identifica-se que são críticas, muitas vezes motivadas por eventos ou fatos que se enquadram nos critérios de noticiabilidade do jornalismo cultural – a morte de um autor, um evento literário, a publicação de uma obra, por exemplo. Levando em conta que, estando Sérgio Augusto inserido no campo jornalístico, que é permeado por estes valores-notícia, sua crítica também sofre influência desses critérios.

Em “Um kadish para Tony Judt” (14/8/2010), os comentários feitos pelo crítico às ideias do historiador britânico Tony Judt foram motivados pela morte de Judt no dia 6 de agosto de 2010, oito dias antes da publicação da coluna. Sérgio também destaca a dedicação do historiador ao presente, comportamento semelhante ao do jornalista.

Sua morte, no dia 6, aos 62 anos, deu novo alento semântico à expressão “perda irreparável”, quase sempre inapropriadamente invocada para folhear de ouro defuntos de latão. Judt fará muita falta no circuito de ideias e questionamentos incômodos. Ninguém usava a História para refletir sobre o presente com a sua acuidade e a sua nonchalance expositiva. Oficialmente historiador, transformou-se, malgré lui, num intelectual público, mas por vocação vigoroso, sem rebuços e em permanente estado de alerta. Jamais permitiu que o conformismo e a complacência debilitassem sua argumentação. Nem que suas convicções políticas e morais lhe envenenassem o raciocínio (Augusto, 14/8/2010).

Sérgio Augusto também estabelece relações entre obras ficcionais e fatos históricos e atuais. Por exemplo, em “A marca do Zorro” (11/9/2010), ele relaciona o crime ocorrido no México conhecido como Massacre de Tamaulipas ao livro *México insurgente*, cobertura jornalística da Revolução Mexicana feita por John Reed. Já em “À espera do fim do mundo” (28/3/2011), a abordagem do tom catastrófico da literatura japonesa é inspirada pelo terremoto, seguido de tsunami e acidente nuclear, que atingiu o Japão em 11/3/2011.

Outro aspecto jornalístico das críticas de Sérgio Augusto é sua relação de interdependência com o mercado editorial. Como sustenta Bourdieu (1992; 2008),

há uma relação de interdependência entre os campos de difusão, consagração e produção artística. Isso justifica a ideia de que um crítico inserido e legitimado em um campo tende a reproduzir os valores desta instância. Assim, sendo o jornalismo cultural uma instância de difusão artística, mantém essa relação com as instâncias de produção artística e, estando Sérgio Augusto inserido no jornalismo cultural como crítico legitimador, sua crítica também apresenta traços dessa interdependência.

Essa característica fica clara em “A que horas receber as musas?” (12/2/2011), na qual o crítico anuncia a compilação de entrevistas que serve para refletir sobre como diferentes autores produzem sua literatura.

Em breve nas livrarias mais um volume de entrevistas com escritores publicadas pela Paris Review, o terceiro ou quarto aqui traduzido nos últimos 43 anos. Insuperáveis no gênero, só perdem em longevidade para aquele questionário que Proust inventou, Bernard Pivot levou para a TV, James Lipton para o auditório do Actors’ Studio e Graydon Carter para a última página da Vanity Fair (Augusto, 12/2/2011).

Também se identificam sinais dessa interdependência em “Felizes para sempre” (21/5/2011), em que Sérgio Augusto também inicia sua crítica anunciando que a obra objeto de crítica – *Liberdade*, de Jonathan Franzen – chegaria às livrarias em uma semana. Já em “A arte de ficar à toa” (30/7/2011), o motivo de o crítico abordar *A lentidão*, de Milan Kundera, é a sua recente reedição.

Os demais grupos temáticos identificados nas colunas de Sérgio Augusto apresentam aspectos peculiares de sua crítica que, além de aproximarem sua escrita do estilo dos críticos impressionistas, que marcaram presença na imprensa até a década de 1950, revelam no crítico um amplo espectro de referências culturais, característica essa que também o aproxima da abordagem jornalística.

Dentre os aspectos analisados, as experiências de leitura são o recurso mais utilizado pelo crítico, sendo identificáveis em quase todas as colunas do *corpus*. Com elas, Sérgio Augusto expõe ao seu leitor como entrou em contato com as obras que são comentadas, quais foram suas impressões ao lê-las, de quais outras obras ou filmes, músicas, se lembrou. Assim, é estabelecido um diálogo entre leitores: Augusto como um leitor experiente, que relata aos demais leitores suas memórias de leitura.

Em “O vício de Zeno” (25/9/2010), o crítico comenta a obra de Ítalo Svevo, *A consciência de Zeno*, que aborda o desafio do personagem protagonista em parar de fumar. Para tanto, Sérgio Augusto relata suas impressões sobre a série de TV *Mad Men* e compartilha com o leitor sua experiência de livrar-se do tabagismo.

Viciei-me em Mad Men. A única coisa que me incomoda na magnífica telessérie retrô da HBO, aqui fora do ar no momento, é o fumacê. (...) O hiperbólico tabagismo de Mad Men não é apenas uma afetação expressionista;

o desconforto que provoca nos telespectadores tem, a meu ver, um propósito crítico: evitar que sintamos inveja ou nostalgia de uma época em que qualquer ambiente e até pessoas muito chiques e bonitas costumavam feder a cigarro. (...) Quando vejo alguém fumar, faço que nem o escritor Jonathan Franzen e me ponho a imaginar os estragos a que os pirenos e os fenóis submetem às tenras células epiteliais de seus brônquios – e dos meus, se não prender a respiração. Não sou leigo no assunto; faz quase 40 anos que parei de fumar, como se deve parar: de estalo e de uma vez por todas. Foi o melhor presente que dei ao meu corpo e à minha psique (Augusto, 25/9/2010).

Já em “O Edward Hopper da literatura” (18/12/2010), Sérgio Augusto conta como descobriu o autor John Cheever por meio de sugestões dos amigos Ivan Lessa e Paulo Francis, também jornalistas. Esse último aspecto, o fato de ter sido influenciado por jornalistas, é um indicador de que seu campo de influências concentra-se no jornalismo e nas referências legitimadas pelo campo jornalístico. Em outras palavras, Sérgio Augusto, enquanto agente legitimador da literatura que ele comenta, tem uma relação de interdependência com o campo da difusão.

Demorei a pôr os olhos no pote de ouro de John Cheever. Não por falta de pressão de dois ou três admiradores amigos, sobretudo de Ivan Lessa e Paulo Francis. Vivia então a trocar dicas sobre novos autores americanos com Rubem Fonseca (já leu Burt Blechman? Que tal James Kirkwood?), e por mais que também ele enchesse a bola de Cheever, fui empurrando com a barriga. Passava batido por suas histórias na revista *The New Yorker*; preconceito gratuito, envergonhado confesso. Imaginava-o um precursor de Sloan Wilson e Grace Metalious, leitura mais fina porém redundante. Há, de fato, muitos “homens de terno cinzento” e cafard suburbano em suas narrativas, mas é outro o diapasão. Em algum ponto de 1973, intrigado com a canonização de Cheever pela crítica e por seus pares (Saul Bellow e John Updike não foram os únicos a considerá-lo “il miglior fabbro” da turma – “ele escreve como com a pena da asa de um anjo”, reverenciou o segundo), baixei a guarda e experimentei *The World of Apples*. A conversão foi imediata, com direito a êxtase e overdose (Augusto, 18/12/2010).

Observando essa proximidade do estilo crítico impressionista que Sérgio Augusto apresenta em suas colunas, podemos identificar que alguns de seus posicionamentos também reiteram essa característica de impressionismo crítico presente em suas leituras. Em certos textos, Augusto utiliza-se de critérios pessoais no julgamento das obras analisadas, além de ser categórico na defesa de seu ponto de vista. É o que se observa em “Os titãs da América” (9/10/2010), crítica na qual ele expõe claramente sua desaprovação à *Revolta de Atlas*, de Ayn Rand. Além de ser enfático em sua crítica, Sérgio Augusto recorre a recursos como a ironia para afirmar seu ponto de vista.

Um tijolo de 1.231 páginas, em três volumes e pesando 1,68 kg, impõe-se ao olhar dos frequentadores de livrarias. Haja força para segurá-lo e ânimo para gramar os seus 30 capítulos. Dinheiro para adquiri-lo, nem tanto: R\$ 69,90; na ponta do lápis, uma pechincha. De todo modo, eu me pergunto: quem irá comprar e ler por inteiro *A Revolta de Atlas*? É uma tradução. Título original: *Atlas Shrugged*. O titã grego condenado por Zeus a carregar o céu nas costas é uma metáfora e o verbo “to shrug” significa dar de ombros. Não se dê o trabalho de ler o romance para entender a metáfora; a vida é curta, e se encarar ficções caudalosas não o aflige, invista em Proust. Apesar de traduzido pelo sempre impecável Paulo Henriques Britto, o livro, agora com o selo da Sextante, é uma interminável chorumela, que só consegui percorrer, confesso, saltando parágrafos, muitos anos atrás, quando aqui quase que só os cinéfilos pareciam conhecer a escritora Ayn Rand, assim mesmo apenas de nome, por conta do filme *Vontade Indômita* (*The Fountainhead*), baseado em seu segundo maior sucesso literário (Augusto, 09/10/2010).

A postura impressionista de Sérgio Augusto também aparece em “Felizes para sempre” (21/5/2011). Nesta coluna, o crítico comenta o romance *Liberdade*, de Jonathan Franzen, e faz recomendações ao leitor de como ele deve ter a experiência literária com a obra.

Reserve um bom tempo para ler *Liberdade* (*Freedom*), que na próxima semana chega às livrarias. Como o romance anterior de Jonathan Franzen, *As Correções*, também traduzido pela Companhia das Letras, é um calhamaço de dimensões tolstoianas (608 páginas, cerca de duas dezenas de personagens), mas que flui como um folhetim (Augusto, 21/5/2011).

Ao dizer ao leitor como ele deve entrar em contato com a obra, como deve lê-la, ao que deve atentar, Sérgio Augusto reforça sua imagem de leitor experiente, que transmite aos demais leitores suas memórias de leitura e os ensina a ler.

Finalmente, um aspecto que merece atenção nas colunas de Sérgio Augusto são as referências feitas por ele a elementos da cultura pop e à cultura de massa, em especial, ao cinema, à televisão e à música popular, como o pop e o rock. Percebe-se então que seu espectro de referências transita livremente entre o erudito, composto pelos grandes nomes do pensamento humanístico, e o pop, que abarca cineastas, filmes, atores, séries de TV, cantores e bandas.

Esse amplo universo cultural explorado por Sérgio Augusto mostra toda a carga jornalística existente em seus referenciais críticos, que influenciam na composição de seus textos. Isso se deve ao fato de o jornalismo cultural ocupar-se em noticiar os produtos e manifestações ligadas à indústria cultural que dão a ela maior lucratividade. Assim, é possível perceber certa preferência pelo cinema e pela televisão, sobretudo ligados às produções de Hollywood. Como já verificamos, segundo Bourdieu (1992;

2008), há uma interdependência entre as instâncias produtoras, difusoras e legitimadoras do campo artístico. Sendo assim, essas relações também estarão presentes na crítica de Sérgio Augusto, sendo ele um agente legitimado no campo jornalístico.

É o que se percebe, mais uma vez, em “O vício de Zeno” (25/9/2010). Além de compartilhar suas experiências de leitura, como já verificamos, o crítico estabelece uma relação entre o tema principal da obra analisada, o tabagismo, e o cinema, mencionando uma série de personagens, filmes e cineastas influenciados pelo hábito de fumar. Com isso, Sérgio Augusto expõe sua vasta cultura cinematográfica, que ilustra o comentário literário, além de mostrar um domínio de como utilizar a intertextualidade ao tratar da literatura.

Que eu saiba, o romance de Svevo não induziu ninguém a deixar de fumar. Teria sido diferente no século 19? Talvez. Em 1923, quando o romance foi publicado, o poder de influência da literatura nos hábitos das pessoas já não era páreo para a força persuasiva do cinema, onde fumar foi tratado, por décadas a fio, como um hábito acima de tudo sofisticado, sociabilizante – e cinematográfico. O que seria do filme noir sem as sedutoras baforadas de seus justiceiros e as tensas e nervosas tragadas de seus vilões? A Estranha Passageira teria a mesma fama sem aquela cena em que Paul Henreid acende dois cigarros na boca e oferece um deles a Bette Davis? Embora convicto de que o tabaco deforma o paladar, o sentido primordial dos gourmets, o comilão Alfred Hitchcock era absolutamente fascinado por cigarros, charutos, isqueiros e demais acessórios relacionados com o fumo. Seus fumantes o abasteceram de tomadas visualmente insólitas (como a de Jessie Royce Landis apagando um cigarro na gema de um ovo frito em Ladrão de Casaca), momentos de prolongado suspense (o isqueiro de Farley Granger no bueiro de Pacto Sinistro) e sequências literalmente explosivas, como a do posto de gasolina em Os Pássaros (Augusto, 25/9/2010).

Essa postura intertextual com a qual Sérgio Augusto trabalha suas referências é relacionável com o trabalho jornalístico e com o amplo universo cultural com o qual o jornalista deve lidar. Já em “Com muito fumo na cuca” (20/11/2010), o crítico não só se utiliza de referências à cultura pop, como também defende essas referências para o trabalho do crítico.

Imagine um mix de Chinatown com O Grande Lebowski num contexto similar ao daquelas rapsódias psicodélicas de Tom Wolfe, com sexo, drogas, rock’n’roll, surfistas, mais a Guerra do Vietnã. No centro do helter skelter, o cinéfilo detetive particular Larry “Doc” Sportello: branco, 29 anos, cabelo afro, baixo (seu mote: “O que me falta em al-titude me sobra em a-titude”), o cérebro defumado pela cannabis, os pés enfiados num par de sandálias mexicanas, o avatar hippie de Marlowe, Hammer, Archer e demais private

eyes de Los Angeles. (...) Pynchon, o mais recluso escritor americano à esquerda de Salinger e o mais conspiratório à direita de Don DeLillo, sempre me pareceu um autor que apenas uma seletíssima camada de leitores lograria fruir plenamente. Sua ficção não é para a hermenêutica de um Carpeaux ou de um George Steiner, por exemplo, mas para a erudição pop de um John Leonard, de um Ivan Lessa, e de quem mais tenha acesso ao chaveiro de suas paródias e de seus pastichos. E os possa ler no verdadeiro mccooy, ou seja, no original (Augusto, 20/11/2010).

Neste caso, Sérgio Augusto afirma que a cultura pop é essencial ao crítico que pretende dar conta de analisar obras que fazem parte de um universo cultural mais amplo, que é o universo jornalístico. Ou seja, Augusto reafirma a lógica de um campo no qual seus agentes legitimados devem se utilizar de valores e referências também legitimadas dentro do campo para que a crítica tenha repercussão entre os membros do campo e, no caso do jornalismo, consiga a difusão desejada e necessária aos produtos jornalísticos.

Assim, o que se observa é que o elemento jornalístico presente na crítica de Sérgio Augusto é identificável tanto na variedade de assuntos, como nas referências feitas em seus textos, ligados a um espectro cultural bastante amplo, que vai do erudito ao pop e à cultura de massa. Essa variedade de referências é uma característica comum ao jornalismo e à formação do jornalista, seja ela acadêmica, nas escolas de comunicação, quanto na cultura profissional própria do seu dia a dia. Esse comportamento demonstra que o crítico emprega e legitima os critérios de noticiabilidade do jornalismo cultural, o que se reflete em sua própria crítica (Traquina, 2005 apud Ventura, 2011). Consequentemente, esse uso de valores-notícia reforça os valores do campo jornalístico, o que evidencia a condição de crítico legitimado dentro do jornalismo enquanto instância legitimadora da literatura.

Mauro Souza Ventura

Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP)
mauroventura@faac.unesp.br

Felipe de Oliveira Mateus

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) felipe.imateus@hotmail.com

Recebido em setembro de 2013

Aceito em dezembro de 2013.

Referências

- AUGUSTO, Sérgio. Um kadish para Tony Judt. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 14 ago. 2010.
- _____. A marca do Zorro. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 11 set. 2010.
- _____. À espera do fim do mundo. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 28 mar. 2011.
- _____. À que horas receber as musas? *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 12 fev. 2011.
- _____. Felizes para sempre. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 21 mai. 2011.
- _____. A arte de ficar à toa. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 30 jul. 2011.
- _____. O vício de Zeno. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 25 set. 2010.
- _____. O Edward Hopper da Literatura. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 18 dez. 2010.
- _____. Os titãs da América. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 9 out. 2010.
- _____. Com muito fumo na cuca. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, p. S2, 20 nov. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *A produção da crença*. 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- SANTIAGO, Silvano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papéis colados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.
- VENTURA, Mauro de Souza. Criticabilidade e processos de legitimação no jornalismo cultural. In: _____. *Processos midiáticos e produção de sentido*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar os elementos jornalísticos existentes na crítica literária de Sérgio Augusto, na coluna Prosa de Sábado, do Suplemento Sabático, do jornal O Estado de S. Paulo. Do ponto de vista metodológico, orienta-se pelos estudos sobre a teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Além disso, discorre sobre as relações entre crítica literária e crítica jornalística a partir das reflexões de Silviano Santiago e Flora Süssekind, buscando estabelecer conexões com os elementos jornalísticos que informam a crítica literária de Sérgio Augusto.

Palavras-chave

Crítica literária. Crítica jornalística. Sérgio Augusto. Jornalismo cultural. Suplementos Literários.

Abstract

The aim of this article is to analyze the journalistic elements existents in Sérgio Augusto's literary criticism, in the column Prosa de Sábado, from the Supplement Sabático of the newspaper O Estado de S. Paulo. From the methodological point of view, it is guided by the studies of Pierre Bourdieu's field theory. In addition, it discusses the relations between literary criticism and journalistic criticism based on Silviano Santiago and Flora Süssekind's reflections, looking for establishing connections with the journalistic elements that inform Sergio Augusto's literary criticism.

Keywords

Literary criticism. Journalistic criticism. Sérgio Augusto. Cultural journalism. Supplement Sabático.